



ESCOLÁPIOS - BRASIL

Calasanz, um educador pioneiro

Padre Manuel Rodríguez Espejo

Tradução: Padre Alberto Tellechea, Sch.P

Reedição e adaptação
Presença de Governador Valadares
2015

SUMÁRIO

<i>I - Perfil humano-espiritual de Calasanz</i>	5
1.1 Infância e juventude	6
1.2 Sacerdote na Espanha	6
1.3 Viagem a Roma	6
1.4 A esperança em Calasanz	7
1.5 Natureza humana	8
1.6 A conversão de Calasanz	9
1.7 Místico	10
1.8 José da Mãe de Deus	10
1.9 Político: justiça e paz	11
1.10 Compromisso fiel	11
1.11 Educar para a vida	13
1.12 Educador sem fronteiras	13
1.13 Promotor da formação permanente	14
1.14 Espírito missionário	14
1.15 Paciência	14
1.16 A intuição de Calasanz	16
1.17 Educação e pastoral	17
1.18 Sacerdote educador	17
1.19 Escola obrigatória e gratuita	18
1.20 Estilo novo de educar	18
<i>II - Educador Pioneiro</i>	19
2.1 Pedagogia	19
2.2 Formação dos professores	20
2.3 Organização escolar	21
2.4 Sistema educacional	21
2.5 Didática	22
2.6 Apostolado pedagógico	22
2.7 Social político	23
<i>III - As Escolas Pias</i>	23
3.1 Situação atual	23
3.2 Missão e serviço	24
3.3 Projeto de vida escolápio	26
3.4 Educador de educadores	26

I – Perfil humano-espiritual de Calasanz

Era uma necessidade urgente, na Igreja da época de Calasanz, a criação de uma instituição que fosse capaz de marcar com um selo indelével todos os cidadãos, um selo que ficasse impresso e gravado na mente e nos corações de todos, um selo de cunho profundamente cristão, o selo de uma educação que fosse, ao mesmo tempo, obrigatória, popular e gratuita.

Hoje, a história deu a razão a Calasanz. Toda a sociedade valoriza, nos dias atuais, a escola, e todos os governos, partidos políticos e grupos de pressão querem fazer da escola a sua bandeira.

Quando Calasanz nasceu em 1557, a Espanha era uma mistura de riqueza e miséria: pobreza, lutas armadas entre famílias, bandoleirismo. No âmbito internacional, o século de Calasanz (1557-1648) se destaca pela extensão da influência protestante, a rivalidade entre a Espanha e a França e as tentativas de colonização por parte do resto da Europa.

A Igreja Católica ressurge com a força de um concílio e com a audácia de um grupo de homens e mulheres que abrem novos campos de serviço ou restauram os já existentes, como: Teresa de Ávila, Catarina de Sena, Mary Ward, Pio V, Francisco de Borja, Felipe Néri, Pedro Canísio, Carlos Borromeu, João Leonardi, Roberto Berlamino e José de Calasanz.

No momento em que Galileu parou a fim de se concentrar na trajetória do pêndulo, quando Calasanz descobriu na criança a sua dimensão pastoral, quando Descartes questionou a própria existência (Penso, logo existo), estávamos no limiar da Idade Moderna, e a importância desses três homens era idêntica, mesmo que atuassem em âmbitos bem diferentes, como afirmou o Professor Valdecantos.



“Peralta de La Sal - No aconchego do lar cristão, crescem as asas da águia.”

1.1 Infância e juventude

Era o caçula de oito irmãos, cinco mulheres e três homens. Família de classe média rural espanhola. A profissão do pai, mestre-ferreiro. Como o pai era uma espécie de prefeito de Peralta e de toda a Baronía do mesmo nome, José viveu, em casa, os problemas socioculturais que o pai enfrentava.

Além de estudar em Estadilha, ele foi aluno das universidades de Lérida, Valência e, provavelmente, de Barcelona onde tirou seu título de Doutor em Teologia. Cada universidade tinha suas próprias características. Estudar em várias abriu a mente e o coração de Calasanz a diversas correntes de pensamento e ao discernimento crítico delas. Filosofia, Direito, Teologia, uma bagagem cultural fora de série. E ele foi um estudante tão ativo que, em Lérida, chegou a ser “assessor do Reitor”, prova de seu prestígio ante seus conterrâneos de “nação aragonesa” e da sua preocupação pelos seus colegas de estudo.

Foi nessa época que tomou a decisão de ser padre e enfrentou a oposição do pai, principalmente quando, após a morte dos seus dois irmãos, passou a ser a única esperança de perpetuar o sobrenome Calasanz.

1.2 Sacerdote na Espanha

A sua formação sacerdotal foi aberta e sólida. Não morou em nenhum seminário, apesar de serem eles obrigatórios por decisão do Concílio de Trento, a partir de 1563. Em meio a um clero despreparado, ele se forma em Direito e se doutora em Teologia. De 1584 a 1585, Calasanz é responsável pelos meninos-pajens do bispo de Barbastro. Acompanha o bispo de Albarracín às Cortes celebradas em Monzón e é nomeado secretário da comissão para a reforma dos Agostinianos do Reino de Aragão (1585). Como confessor do bispo de Lérida, acompanha-o na visita oficial ao Mosteiro beneditino de Montserrat (1585-1586). De 1587 a 1589, é secretário do Cabido de Urgel, Mestre de Cerimônia da Catedral e mordomo do novo bispo. É nomeado pároco de duas paróquias rurais – Clavero e Ortoneda – e Arcipreste de Tremp até 1591, responsável pela reforma do clero preconizada pelo Concílio de Trento, Procurador, com atribuições de Vigário Geral, nas “foranias” de Tremp, Sort, Tírvia e Cardós.

1.3 Viagem a Roma

Depois de doutorar-se em Teologia aos 35 anos, viaja a Roma à procura de uma promoção eclesiástica e de certa segurança econômica. Queria “subir na vida”, mas “desceu” até onde só com a força do Espírito Santo poderia descer. O santo confessa, nas suas cartas, que lavou pratos, pediu esmola na rua para a manutenção das suas “escolas pias”, acompanhou as filas dos meninos maltrapilhos das suas escolas pelas ruas centrais de Roma. Nessas cartas, afirma que varria as salas, apontava as penas. Depois dos oitenta confessa “ainda vou

muitas vezes ajudar nas escolas”. Como padre atendia em confissão, principalmente, as crianças das suas escolas, pregava, dedicava-se à catequese, à direção espiritual de leigos e religiosos, escolápios ou não. Deu aula durante quinze anos a partir de 1597, quando tinha já quarenta anos. Sendo Superior Geral, quando julgava ser necessário, dava aulas de caligrafia, de leitura e de gramática. Ele confessava: “Com isso, eu não perdi absolutamente nada da dignidade sacerdotal nem diminuí a minha reputação de Superior Geral”.



“Casa de São Pantaleo - Roma”

1.4 A esperança em Calasanz

O detalhe de ter vivido 91 anos, a metade deles entre crianças e jovens, endividado até o pescoço, alimentando-se mal, dormindo pouco e sofrendo amargamente com a destruição da sua obra após cinquenta anos de êxito e de aceitação por parte de todos, prova o seu vigor físico e espiritual. Ele esperava contra toda esperança e, numa das suas cartas, dizia: “O Senhor protegerá nossa obra sempre e prosperará cada vez mais, contando que ponhamos todo empenho na educação das crianças, principalmente as mais carentes, no santo temor de Deus.”

Depois de destruída a sua ordem, ele ainda insiste em que todos devem perseverar dando aula com toda a dedicação possível e escreve: “Tende a certeza de que, aonde falham os meios humanos, chegam os divinos.” Só pede que rezem, que perseverem nas escolas, firmando a esperança na certeza da ajuda divina “que não há de faltar no momento oportuno” (25.01.1647).

Calasanz aguardou, com ansiedade, o fruto do trabalho educativo com crianças e jovens e entregou-se de corpo inteiro a esse serviço, jogando fora as chaves que lhe franqueariam o acesso a altos postos dentro da Igreja espanhola.

Viveu e morreu, esperando contra toda esperança. Recebendo o decreto pontifício da dissolução da sua Ordem, ele escreveu: “Finalmente, saiu o documento que decreta, com clareza, a ruína da nossa ordem. Mas, eu espero que, quanto mais os homens a fizerem sofrer, tanto mais Deus a exaltará”... “Não entendo como alguém pode destruir a nossa Ordem, tão apreciada na Europa”... “E, enquanto tiver forças, mantereí a esperança de vê-la restaurada no seu ser original”... “Mesmo que os inimigos sejam grandes e poderosos, devemos esperar, contudo, que a bondade divina não permitirá que seja totalmente destruída uma Ordem como a nossa, aprovada por três papas e aplaudida e solicitada por toda a Europa e até pelos crentes, os quais Deus sabe o que dirão quando virem publicado o breve. Aqui, em Roma, todos o lamentam, mas ninguém quer ser o primeiro a tentar dissuadir o Papa”.



Não era eufemismo a expressão “uma Ordem apreciada na Europa”. Em 1633, Calasanz afirmara: “Se tivesse agora 10.000 religiosos, poderia distribuí-los em apenas um mês, naqueles lugares onde nos solicitam com muitíssima insistência. Nossa Ordem não é como muitas outras que apelam para diversos meios para entrarem nas cidades. Porque ela é procurada e solicitada por muitos cardeais, bispos, dignitários da Igreja, grandes senhores e cidades importantes, como posso provar com muitas cartas”.

1.5 Natureza humana

Alto, de aspecto venerável, barba escura, rosto alongado e branco. Pelas roupas e sandálias, pela muleta que usou nos últimos anos da sua vida, ma-

terial este que se conserva em Roma no quarto onde morreu, a sua altura era, aproximadamente, de 1,90m. Sua força era descomunal, como o provou ao desatolar o burro de um tropeiro com carga e tudo, para que este parasse de blasfemar, e também no arremesso de peso, desafiando um grupo de padres ociosos, numa de suas visitas “pastorais”. Do rosto, fica o retrato que um pintor fez às escondidas dele e a máscara de gesso com a qual cobriram o seu rosto quando morreu.

Eis a descrição do santo, feita pelo Pe. Miguel Angel Asiain, escolápio especialista em temas calasâncios: “corpulento, testa larga, nariz aquilino, olhos penetrantes. O coração, nobre. Temperamento forte e decidido. Categórico, independente. Simples e bondoso. Bem-humorado e atencioso com todos. Ativo, criativo, audacioso, previdente. Absorvente (monopolizador) e, às vezes, como bom aragonês, obstinado nas suas ideias. Mas, acima de tudo, um PIONEIRO disposto a abrir novos caminhos, um homem, que imitando o exemplo de Jesus, enamorou-se dos pobres”.

O grafólogo francês Raymond Trillat, que trabalhou nos tribunais da França, achou na caligrafia do santo as seguintes características: tempestuoso, dramático, realista, lutador, angustiado, com acessos de desânimo, de temperamento forte, inquieto, exigente, impetuoso, extrovertido, criativo, audacioso, paternal (carinhoso), generoso, espiritual, místico, compreensivo, humilde, paciente. Ele acrescentou: “É surpreendente encontrar, na sua caligrafia, traços de intuição de caráter ousadamente inovador e até revolucionário, que dão às suas atitudes um ar de atualidade”. É claro que ele se apoia no passado, mas a sua tendência e “tentação” é projetar-se em direção ao futuro, com uma clarividência pouco comum.



1.6 A conversão de Calasanz

Na Espanha, ele era um sacerdote “bom”. O impacto que os “meninos de rua” causaram nele, em Roma, converteu-o a uma vida mais comprometida com a situação de “fervor social” que o Concílio de Trento acabava de despertar em muita gente, que se lançou à procura de novas formas de chegar aos mais carentes.

Calasanz renunciou ao clero que viera procurar em Roma e que conseguira depois de muito esforço da sua parte. Clero representava a realização de seu sonho de viver uma velhice tranquila e confortável. Trocou as suas batinas de seda e as fivelas de prata de doutor, com um futuro brilhante, por um hábito de religioso, feito de lã da pior qualidade. Optou pela suma pobreza (franciscana). Abandonou o Palácio do Cardeal Colona para morar entre seus meninos maltrapilhos num quarto sem ventilação das escolas de Santa Doroteia do Trastevere.

1.7 Místico

Os padres Bau e Sapa, grandes pesquisadores da vida do santo, sabiam que ele era um místico, mas quem estudou mais essa dimensão mística do Fundador dos Padres Escolápios foi o Pe. Salvador López, na obra da sua autoria intitulada “Personalidade Mística de Calasanz”. O Pe. Salvador coloca a “conversão” do santo entre 1596 e 97 (dos 39 aos 40 anos), quando tomou uma nova atitude para com Deus (seguimento radical das exigências evangélicas), para com os homens (dedicação às crianças mais carentes) e para com as coisas (desprendimento de tudo, pobreza suma), mantendo essa decisão até a morte com uma firmeza sobre-humana. Não teria sido um grande pedagogo se não tivesse passado, primeiro, por essa experiência mística que o levou a acolher o Cristo nas crianças sem escola nem perspectivas de futuro digno. A pedagogia calasanziana está essencialmente a serviço do plano divino da salvação, não se limitando apenas a uma metodologia. Daí o seu lema: “Piedade e Letras”. Seu pensamento e seu amor às crianças pareceriam, humanamente, impossíveis sem contar com a graça divina, de acordo com o Pe. Salvador López. O próprio santo nos revelou esse segredo com estas palavras: “O caminho mais rápido e fácil para nos elevarmos ao conhecimento divino e, deste aos atributos da misericórdia, da prudência, da paciência e da infinita bondade de Deus, é descer à altura das crianças, iluminar-lhes o caminho, especialmente àquelas que são ignoradas por todos, o que, pelo fato de ser um serviço humilhante e vil aos olhos do mundo, poucos são capazes de se rebaixarem a prestá-lo, mas recompensado por Deus com o cem por um”. A mística de Calasanz brilhou, especialmente, ainda mais se cabe, nos momentos finais da sua vida, quando tudo parecia terminar em fracasso, a exemplo de Cristo na cruz.

1.8 José da Mãe de Deus

A partir da fundação das Escolas Pias, o Dr. Calasanz virou “José da Mãe de Deus” e deu à sua obra o nome de “Clérigos Regulares Pobres da Mãe de Deus das Escolas Pias”. Escreveu a “Coroa das Doze Estrelas”, em 1628, em que cultua Maria de Nazaré como colaboradora perfeita na obra de salvação de Deus. Ela é a filha plenamente obediente do Pai; a mãe amorosa do Filho e a esposa fiel do Espírito Santo. Ele rezava os cinco salmos, cujas iniciais em latim for-

mam, a guisa de acróstico, o nome de MARIA.

1.9 Político: justiça e paz

O pai de Calasanz foi prefeito. Quando estudante, preocupava-se com a situação pessoal e social dos seus colegas. Fundou uma obra social em benefício dos pobres da sua paróquia rural na Espanha e um fundo de ajuda aos lares pobres que visitava junto com os confrades das diversas confrarias das quais ele fez parte em Roma. Nas suas cartas, ele revela uma preocupação constante pela situação dos povos naquela Europa conturbada pelas guerras. Proibiu, severamente, nas suas Constituições, que os religiosos tomassem partido nas pendências políticas que costumavam acontecer nos governos da época: “Não se permita nenhuma inclinação a favor de qualquer partido dos que costumam organizar-se nos Governos, nas cidades, entre os cidadãos. Isso daria origem a males graves. Reine entre nós uma espécie de amor universal que una, no Senhor, todos os partidos entre si. E rezemos pela harmonia entre eles”.

Através da “escola para os pobres”, Calasanz pretendia transformar a sociedade, colocando-se ao lado dos defensores do povo oprimido. Essa preocupação social aparece neste trecho de uma das suas cartas: “a reforma da República Cristã se baseia na prática assídua de educar. A boa educação da juventude é um remédio excelente para prevenir e corrigir o mal e para induzir à prática do bem. Da educação dependem a paz e a tranquilidade dos povos, a boa administração das cidades, a propagação da fé e, finalmente, a reforma da sociedade, porque ensina a viver bem”.

Sendo pacífico por temperamento, pedia continuamente que rezassem pela paz. Na prática da “oração contínua” que ele organizou com os alunos, um dos objetivos era conseguir a paz. Na Coroa das doze estrelas, pedia-se pela paz entre os povos. E recomendava com insistência: “Não se tente obter, por meios litigiosos, o que se puder conseguir através de um acordo”... “É melhor perder do que brigar”... “Não suporto que nossas casas, por causa de litígios, apelem para procuradores e advogados”... “Prefiro resolver as ‘causas’ de qualquer jeito e até perder, a entrar em juízo contra alguém”.

1.10 Compromisso fiel

Homem de mente arejada, Calasanz preparava o futuro a partir do presente. Esse espírito de previsão, às vezes, era causa de incompreensões. Experimentou na carne a tensão “dialética” entre a obediência e respeito ao Papa, por um lado e, por outro, a nobre luta contra as leis que impediam um bem maior e ainda, entre a dor lancinante provocada pelas decisões da hierarquia e a obediência filial.

Lutou contra a proibição papal de aceitar novas ordens religiosas e ganhou a batalha. Solicitou reformas e mais reformas através de “memórias”

(relatórios) e visitas aos papas e aos respectivos “curiais” ou integrantes das cúrias e dicastérios do Vaticano. Acolheu diversas pessoas perseguidas pela Inquisição e pôs, nas mãos dessas pessoas, a formação dos seus seminaristas. Foi o caso do matemático Galileu Galilei, do filósofo dominicano Campanella e do filólogo Gaspar Scipio. Já velhinho, foi obrigado a comparecer ao Tribunal do Santo Ofício, sendo acompanhado por um piquete de soldados. Foi destituído do cargo de Superior Geral e obrigado a ouvir o decreto da dissolução da sua ordem. Depois de cinco anos de perseguição e calúnias, eis a sua atitude: “Eu, enquanto viver, jamais perderei o desejo de ajudar a Ordem, esperando vê-la restaurada, baseado naquelas palavras de um profeta: ‘Sede constantes e vereis a ajuda de Deus’”. Os dois secretários do santo, padres Berro e Caputi, nos contam: “Dois ou três dias antes de morrer, chamou dois religiosos (Berro e Fedele) e lhes pediu: ‘Façam-me esta caridade pelo amor que lhes tenho. Vão ao Vaticano ganhar a indulgência em meu lugar, beijem o pé da imagem de São Pedro, peçam-lhe a bênção em meu nome, para que ele me obtenha o perdão dos meus pecados e acrescentem as devoções que lhes aprouverem. Procurem depois o Mestre de Câmara do Cardeal Cedrini e peçam-lhe que solicite para mim a indulgência plenária e a bênção ‘in articulo mortis’”.

A explicação para esse comportamento está nesta carta dirigida à Vice-Rainha da Sardenha: “Gostaria que V. Ex.^a se convencesse de que tudo aquilo que o mundo considera como mortificação inoportuna costuma ser grande ‘favor’ por parte da mão paterna de Deus, o qual, como causa eficiente de todos os males dolorosos, envia-os a quem mais ama nesta vida, em benefício da outra. E quem souber recebê-los como dádiva da sabedoria de Deus e não como obra dos inimigos, que são instrumentos especiais da mão de Deus e saiba conformar-se, com paciência e conscientemente, com essa verdade obterá graças copiosas nesta vida e uma grande glória na outra.”



“José intuiu onde estava a base da revolução social”

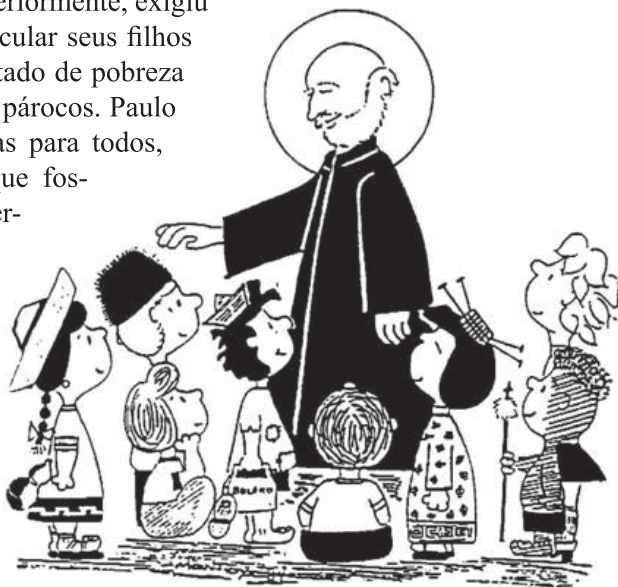
1.11 Educar para a vida

Vejam como o santo encarava a educação: “Recordem-se de que se a criança for educada diligentemente na piedade e nas letras desde os primeiros anos da sua vida, certamente será feliz ao longo de sua existência”... “Não alimente pensamentos de melancolia que oprimem o coração e turvam a mente. Antes pense em coisas alegres”... “Procure viver alegremente, pois, se fizer provisão de alegria e de muita paciência, irá realizar obras de muito mérito”... “Permaneça alegre no Senhor e se lhe acontecer alguma coisa, conte-a para mim, que eu o consolarei”.

1.12 Educador sem fronteiras

Calasanz frequentou quatro universidades, teve contato com quatro cúrias diocesanas, foi pároco forâneo, Vigário Geral, tomou parte ativa na reforma dos padres Agostinianos e dos Beneditinos. Em Roma, participou das atividades de cinco confrarias. As Escolas Pias começaram com colaboradores leigos. Manteve um relacionamento constante e carinhoso com muitas congregações e ordens religiosas. Tinha entrada franca na Cúria Romana e foi amigo de papas e de cardeais... Entre seus amigos, havia muitos homens de “fronteira”, como os carmelitas reformados Ruzola e João de Jesus e Maria, e os Felipe Néri, João Leonardi e Camilo de Lélis, fundadores, respectivamente, dos Oratorianos, da Pontifícia Obra das Missões e dos Padres Camilianos.

A escola do Trastévere misturava as crianças pobres com outras que podiam pagar uma importância mensal. Quando Calasanz assumiu a escola, suprimiu essas taxas e, posteriormente, exigiu dos pais que queriam matricular seus filhos nas “Escolas Pias” um atestado de pobreza fornecido pelos respectivos párocos. Paulo V autorizou as Escolas Pias para todos, mas com a condição de que fossem gratuitas. Mas, a “abertura” mais significativa do santo foi a aceitação de alunos judeus e protestantes nas suas escolas. Calasanz aceitava, inclusive, alunos turcos que eram considerados, na Europa da época, os maiores inimigos.



1.13 Promotor da formação permanente

“Aprendi a escrever com perfeição e também muitas partes da aritmética para poder ensinar aos nossos”. Com relação aos educadores, escreveu: “Reúnam-se pelo menos uma vez por semana, para tratar de assuntos referentes ao colégio e à forma de melhorá-lo, ouvindo o parecer de todos”.

Calasanz não quer equipes mortas nem paradas. Exige que todo religioso tenha um ano de reciclagem e renovação a cada seis ou oito anos, para que possa descansar, rever a sua vida, atualizar seus conhecimentos no campo da sua especialidade e assim retornar a seu trabalho com novas energias. Queria atingir até os pais dos alunos e, dando uma prova da sua ampla utilização da imprensa, bem menos conhecida do que hoje, determina: “Para as crianças que estão aprendendo a ler, usem livros bem impressos e de conteúdo proveitoso para eles e para seus pais.”

1.14 Espírito Missionário

O espírito missionário é uma das facetas pouco conhecida do santo. Ele intuiu que a educação podia ser a chave capaz de franquear a entrada dos missionários em outras culturas e terras. E assim foi.

Não se limitou a mandar religiosos seus à Europa Central. Ele afirmava que ele próprio gostaria de ir pessoalmente, como escreveu ao Cardeal de Nikolsburg. “Tenha certeza de que farei quanto estiver ao meu alcance para mandar-lhe mais escolápios. Espero fazê-lo brevemente e gostaria muitíssimo de estar entre eles”. Nessa carta, Calasanz destaca a importância da formação do clero nativo. “Se surgissem vocações do país, seria bem melhor, pois, para nós, é muito difícil, por causa da distância e obstáculo da língua”.

Chegou a permitir, inclusive, que um companheiro seu, o agitado Belchior Alacchi, fundasse missões no Oriente.

1.15 Paciência

A sua esperança paciente e a sua paciência esperançosa mereceram-lhe o título de “Jó da nova lei”. Quem lhe conferiu esse título foi o Papa Pio XII quando, em 1948, 3º Centenário da sua morte, o declarou Padroeiro Universal das escolas populares cristãs do mundo inteiro. E o poeta escolápio Ramón Castelltort exprimiu assim essa atitude de Calasanz:



*“Esqueça Deus os erros
Que na minha longa vida cometi.
Confesso que serão as crianças
As que, depois das minhas andanças,
Ao céu irão me conduzir*

*Se não pertenci totalmente a Deus
Foi, talvez, porque as crianças
Roubaram parte dos meus carinhos;
Fui forçado para levá-las ao céu.*

*Mas também nos pequeninos
Procurei encontrar o próprio Cristo
Morro feliz... continuai vós
Constantes no serviço aos meninos*

*Eu ruínas apenas vos deixo,
Construí sobres elas, sem desleixo,
Novo, possante edifício,
Sem desanimar neste ofício.*

*Através das ruínas destes dias
Vejo as minhas amadas Escolas Pias
Aos trezentos anos, não idosas,
Mas louçãs, renascidas, viçosas,*

*Para essas gerações
De um mundo tão distante
Brotam bênçãos paternais
Das minhas mãos agonizantes.”*

Seu secretário, Pe. Berro, conta que, na tarde do dia 17 de março de 1646, quando o emissário do Papa Inocêncio X terminou a leitura do breve fatídico, Calasanz repetiu várias vezes as palavras de Jó: “O Senhor no-lo deu, o Senhor no-lo tirou. Tudo aconteceu como aprouve ao Senhor, Bendito seja o seu nome.”

E diz Berro que Calasanz citou-lhe duas vezes a fonte de onde tirava essa força superior com a qual suportava, como outro Jó, a ruína da sua obra, a obra da sua vida, sem contudo, sabermos exatamente a data dessa autêntica experiência mística do santo: “Conheço uma pessoa que, com apenas uma palavra que o Senhor lhe disse ao coração, suportou, com muita paciência e alegria, dez anos contínuos de trabalhos e grandes perseguições.”

Calasanz, grão de trigo fecundo, morreu dois anos depois, fracassado, mas não desesperado, como muitos outros fundadores, como Cristo. Não poderia ser de outra forma. Seu sonho realizou-se logo, pois a missa de corpo presente, em São Pantaleo, foi a primeira glorificação com o reconhecimento do povo romano à dedicação de Calasanz. A voz: “Morreu o Santo!” escutou-se pelas ruas da cidade. A segunda glorificação foi a restauração da Ordem. A terceira, a beatificação e, finalmente, a sua canonização.

1.16 A Intuição de Calasanz

O homem se define por suas próprias obras. E as obras que ele realizou costumam ser consequência das suas intuições, que a história – a grande mestra da vida – se encarrega de julgar. Há duas frases do santo que confirmam essa teoria:

1. “Encontrei aqui, em Roma, a maneira de servir a Deus: servir às crianças e aos jovens. E não a abandonarei por nada deste mundo.”

2. “O apostolado da educação é o mais digno, o mais nobre, o mais louvável, o mais benéfico, o mais útil, o mais necessário, o mais natural, o mais racional, o mais grato, o mais agradável e o mais meritório de todos aos olhos de Deus.” Com esses onze adjetivos, Calasanz transformou o Cardeal Marco Antônio Tonti de inimigo em propagandista das Escolas Pias. Esses adjetivos fazem parte dos argumentos que o santo apresentou ao referido Cardeal para conseguir que o Papa sustasse a proibição de criar novas ordens religiosas na Igreja. Trezentos e quarenta e cinco anos mais tarde, o Vaticano II reforçou a opinião e o pensamento de São José de Calasanz: “O Concílio considera, com interesse, a importância decisiva da educação na vida do homem e sua influência, cada vez maior, no progresso social contemporâneo... Portanto, é sublime e de suma importância a vocação daqueles que se dedicam ao ministério da educação.”

A intuição genial de Calasanz se reflete na sua afirmação de que, através da educação popular, obrigatória e gratuita, é possível mudar toda a sociedade,

pois ela acaba com as barreiras existentes entre ricos e pobres, dando início a uma fecunda e construtiva “revolução” social.

Na época do santo, os pobres não podiam frequentar a escola e, por causa disso, jamais poderiam aspirar a um trabalho digno que lhes permitisse sustentar a própria vida e, menos ainda, a entrada na universidade ou o acesso a cargos que lhes propiciassem a possibilidade de melhorarem de posição social desde a qual pudessem ajudar aos menos favorecidos pela sorte.

“Em quase todos os países, a maioria dos cidadãos é pobre e só pode mandar os filhos à escola por pouco tempo. Por essa razão, procure o superior designar para essas crianças um professor bem preparado. Ele lhes ensinará a escrita e o cálculo. Assim poderão ganhar a vida com maior facilidade.”

A criança pobre nascia marcada. Com a educação integral que Calasanz lhe oferecia, todos se beneficiavam, tanto os alunos, que encontravam caminhos dignos de construir a própria vida, como a sociedade, que ganhava em qualidade com a participação de cidadãos mais bem preparados.

1.17 Educação e pastoral

As dimensões acadêmica e pastoral são duas faces de uma mesma moeda, que é a educação cristã. “A educação na fé é o objetivo final do nosso ministério. A exemplo do Santo Fundador e de acordo com nossa tradição, consideramos a catequese – que ilumina a fé, inicia na liturgia e prepara para a ação apostólica – como o meio fundamental do nosso apostolado na comunidade cristã em que vivemos” (Constituições das Escolas Pias, nº 96).

“Concílios Ecumênicos, Santos Padres, filósofos de reto critério afirmam, unânimes, que a reforma da sociedade fundamenta-se na diligente prática desta missão. Pois se desde a infância a criança é imbuída diligentemente na Piedade e nas Letras, há de prever-se, com fundamento, um feliz transcurso de toda sua vida” (Constituições das Escolas Pias, nº 2). Essa verdade é testemunhada pelas centenas de Institutos masculinos e femininos, posteriores a Calasanz, dedicados à educação. E é confirmada pelo interesse dos governos, municípios e grupos políticos, e pelos inúmeros documentos do Vaticano e das Conferências Episcopais concordes com a forma de pensar do santo.

1.18 Sacerdote educador

Contudo, podemos clarificar ainda mais a intuição de Calasanz. Ele teve coragem de criar, em nível institucional e não apenas pessoal, um tipo de sacerdote para o futuro. Os escolápios representam na Igreja um jeito original de ser sacerdotes. Na sua experiência, a dimensão sacerdotal não está separada da educativa. A família escolápia entra no século XXI, exercendo um ministério sacerdotal que evoca o acompanhamento da iniciação na fé dos primórdios da Igreja, como preparação à celebração dos mistérios cristãos orientados ao compromisso da caridade, o verdadeiro testemunho do Evangelho.

1.19 Escola obrigatória e gratuita

Foi uma atitude bem corajosa a de acabar com o conceito tradicional do sacerdócio e dedicar uma ordem religiosa clerical inteira, não às celebrações litúrgicas, às confissões ou à pregação da Palavra nem aos adultos, mas à educação de crianças e jovens na pedagogia e na evangelização. E foi ainda mais ousada pelo fato da dedicação à “escola de pequenos” pobres, marginalizados socialmente. As suas cartas deixam transparecer que nem todos os escolápios aceitavam o trabalho humilde e desprezado, mas ele manteve firme seu ponto de vista a respeito da importância do atendimento preferencial às crianças mais necessitadas.

1.20 Estilo novo de educar (paciência, ternura, humildade e qualidade)

A maior de todas as intuições de Calasanz foi defender a escola obrigatória e gratuita para todas as crianças; que essa educação deve ter uma orientação personalizada; que o educador deve ser flexível na promoção dos alunos para a série superior e que os pais dos alunos podem ser ajudados também através da educação dos filhos, desde a escola. Vejamos o que ele escreveu a respeito: “Procure que o prefeito ordene aos guardas municipais que não permitam que as crianças andem ociosas pela cidade, mas que as mandem para a escola”. “Matriculem-se os alunos novatos, mediante seleção prévia, na série e com o professor que mais lhes convier. Submeter-se-ão a exames, pelo menos, duas vezes por ano e os mais adiantados serão promovidos à série superior”.

A educação é obra de paciência e muito amor. Atestam-no o exemplo e as palavras de Calasanz: “O problema da educação tem tamanha importância que exige profissionais dotados de um amor e de uma paciência sem limites. Com diuturna paciência e carinho, dedicai-vos a enriquecer os alunos em toda sorte de virtudes”... “Tratai a todos os alunos com delicadeza, de maneira que compreendam que o que mais cordialmente desejais é seu próprio benefício”... “Procurai atrair os alunos, mostrando-vos mais pais do que juizes rigorosos”... “Lembrai-vos de que estais à frente de crianças e adolescentes e praticai mais a flexibilidade do conselho do que o rigor dando ordens”... “Não vos esqueçais de dosar a autoridade com a prudência e a discrição.

O amor às crianças e a mente arejada de Calasanz levaram-no à prática da educação personalizada junto com o método ativo. Suas palavras são bem incisivas: “Não podemos educar todos os alunos da mesma forma. Nem todos têm o mesmo ritmo. É necessário conhecer as aptidões de cada um deles.” Calasanz distribuía seus alunos em pequenos grupos ou equipes. Os maiores e mais adiantados ajudavam aos mais atrasados. A catequese também começava em grupos menores, com sessões periódicas para todos: “Os professores explicarão semanalmente alguns pontos do catecismo no dia marcado. Além disso,

as crianças terão uma sessão pública aos domingos e dias festivos habituais, nas nossas igrejas ou em outro local que o superior julgar adequado, para a maior glória de Deus e utilidade do próximo”.

O santo sempre esteve aberto aos métodos mais eficazes e melhores: Ele mesmo procurou promover a atualização dos métodos didáticos, encaminhando um grupo de escolápios a Galileu Galilei, para que os orientasse na didática da matemática e autorizou a edição da primeira gramática em língua italiana. Mudou também o sistema de punições que estava em vigor na escola do seu tempo. Pediu a seus religiosos que se atualizassem constantemente: “Tanto no ensino da gramática como no de qualquer outra disciplina, é de suma importância, para o bom aproveitamento dos alunos, que os educadores usassem método fácil, útil e breve, quanto for possível; por essa razão, devemos escolher o melhor especialista em cada matéria”.

II - Educador Pioneiro

2.1 Pedagogia

Mesmo não sendo nenhum teórico da educação, Calasanz deixou escrito o pensamento nas suas “Constituições das Escolas Pias”, em vários documentos em defesa da educação dos pobres num “breve” relatório sobre o modo de ensinar nas escolas pias – documento básico da pedagogia escolápia, em suas cartas e em vários regulamentos de internatos e congregações marianas. Mas é, nas suas cartas, onde aparece de forma mais clara o Calasanz especialista e teórico da educação. Conservam-se 4700 dessas cartas e, nelas, há inúmeras normas e sugestões pedagógicas nascidas da sua prática pessoal e do diálogo com os companheiros de trabalho. Calasanz escreveu em quatro línguas: espanhol, catalão, latim e italiano.

“Calasanz é quem transforma o ensino elementar ou primário, de unitário em seriado,



e adapta a seus fins a graduação existente nos colégios secundários dos jesuítas, apresentando como sistema aberto, com facilidade de acesso tanto ao mundo do trabalho, quanto aos estudos superiores.” (Pedagogia de Calasanz. C.Geral 1995, p.23).

“Depois que adotou o sistema de séries separadas para cada idade e para cada unidade didática, seguiu como consequência necessária, o método chamado “simultâneo”: todos os alunos de uma série são instruídos ao mesmo tempo e em idêntica matéria. Isso, que já acontecia nas escolas secundárias (ensino médio), ele o introduziu nas elementares. Fomentou o método intuitivo, na base de disputas semanais, cada sábado, sobre os conteúdos dados nos dias precedentes, e exercícios mensais em prosa e em verso; com os pequenos usava grandes cartazes, onde aprendiam a ler e captavam cenas bíblicas.” (Pedagogia de Calasanz. C.Geral 1995, p.22).

2.2 Formação dos professores

É da autoria de Calasanz o primeiro ensaio sistematizado sobre a formação de professores, que surgiu da necessidade lógica de preparar os escolápios antes de trabalharem num colégio. A prática dessa formação para o magistério vem regulamentada nos números 204 e 211 das Constituições. Houve candidatos que a receberam nas comunidades normais onde trabalhavam e outros, em casas de formação.

“A atenção que Calasanz punha nos futuros educadores incluía três dimensões: o ser (a pessoa), o saber (conhecimentos) e o saber ensinar (didática e metodologia). De fato, as Constituições, que ele redigiu, convidam a uma formação conscienciosa do futuro educador e dispõem que, depois de uma sólida base espiritual, seja instruído tanto nas letras e ciências humanas, quanto na pedagogia, particularmente na didática e no método de ensinar. Para Calasanz, se não existir previamente uma formação espiritual adequada que atinja o futuro educador como educando permanente, o resto terá valor, mas estará carente da base fundamental.

Com respeito à formação intelectual do educador, mandou que os noviços, depois de aproveitar no âmbito espiritual, estudassem a gramática (latina) e a interpretação dos autores clássicos e aprendessem o método da doutrina cristã, a caligrafia e o ábaco. Nos anos posteriores, continuavam-se os estudos humanístico-literários e científico-matemáticos, a filosofia, a teologia, música sagrada e profana, a língua vernácula etc. Para assegurar-se mais da boa formação dos futuros educadores, introduziu os exames obrigatórios para os mestres antes de começarem seu ofício e cada vez que de uma classe inferior tivessem que passar a outra superior.” (A Pedagogia de Calasanz. C.Geral, 1995, p.11).

2.3 Organização escolar

Calasanz é o pioneiro na distribuição da aprendizagem por séries. Para o historiador alemão L. Von Pastor, a ele se deve a fundação da primeira escola popular gratuita da Europa. É verdade que, antes de Calasanz, houve teóricos da pedagogia, educadores e estadistas, tanto católicos como protestantes, seriamente preocupados com o problema da educação. Mas, os teóricos nunca passaram de piedosas (e úteis) reflexões e de um discurso também teórico. De modo especial, entre os protestantes – sem tirar Lutero e outros luteranos – essas tentativas morreram no embrião por falta de força vital. Mas, as escolas de Calasanz fizeram jus aos três qualificativos de “gratuitas, universais e obrigatórias”. As suas escolas não preparavam para os estudos superiores e universitários, pelo menos para todos os cursos. Contudo, Calasanz não limitou suas exigências ao programa cultural e intelectual desenvolvido nas escolas de ensino fundamental da época. Ele procurou ampliar os horizontes intelectuais do educando, orientando-o para a humanística literária e aperfeiçoando seus conhecimentos nas ciências empíricas. Com esse programa, Calasanz queria que seus alunos pudessem continuar os estudos do ensino médio sem obstáculos; aqueles alunos que queriam ou precisavam trabalhar logo saíam bem preparados do fundamental, pois a última série oferecia a formação prática necessária.

2.4 Sistema educacional

São José de Calasanz inaugurou a prática do sistema preventivo cuja teoria São João Bosco desenvolveria posteriormente. E o fundador dos Padres Salesianos confessava que o vira praticar no Colégio Nazareno de Roma, fundado pelo próprio José de Calasanz. Foi ao Colégio Nazareno também que São João Batista de la Salle, fundador dos Irmãos Lassalistas, mandou o irmão Bortier, em 1708, para que conhecesse os métodos escolápios.

“Calasanz usou um método preventivo, que afastava os meninos do poder corruptor do ócio, do ambiente corrompido da miséria, do pecado e dos maus companheiros. Ele se serviu para isto do contínuo controle vigilante, a atrativa exemplaridade dos educadores e as minuciosas prescrições dos regimentos, que atendiam até os detalhes da vida do educando, dentro e fora do educandário, e procuravam eliminar toda fácil ocasião de pecado. Uma das práticas calasâncias que mais contribuiu para esta prevenção do mal foi o acompanhamento dos alunos às suas casas: “as rotas”. Calasanz deu muita importância às lições ocasionais que, sem estarem programadas, penetram profundamente no educando. Sua escola não foi pura teoria, mas quis um ensino intelectual e moral práticos, que servisse para a vida, que fosse praticável.” (Pedagogia de Calasanz. C.Geral, 1995, pág.22).

2.5 Didática

O santo incentivou toda inovação, viesse donde viesse. Como tivemos oportunidade de ver, deixou claro, nas suas Constituições, que se deve fazer tudo para escolher o melhor método entre os recomendados pelas pessoas mais entendidas na respectiva disciplina curricular. Aperfeiçoou os métodos de ensinar latim animando o Padre Francisco Apa a publicar a primeira gramática latina escrita em italiano, que só teria sucesso cem anos mais tarde. É curioso esse dado, porque enquanto João Amós Comenio escrevia em latim seus livros de aprendizagem da língua pátria, Calasanz e seus escolápios compuseram, em italiano, a gramática latina. “Calasanz se preocupou com os livros de texto, fomentando entre os escolápios a publicação de livros escolares escritos em língua vernácula.” (A Pedagogia de Calasanz. C.Geral, 1995, pág.25).

2.6 Apostolado pedagógico

São José de Calasanz criou uma forma típica de pastoral juvenil, valendo-se de um sacerdote especializado em pastoral dentro de cada colégio: “Na comunidade escolápia, entre outros ministérios, haverá um escolápio que atenda os alunos e que, com caridade e compreensão, seja capaz de conduzir a Deus os corações dos jovens, para que todos o respeitem e amem como verdadeiro pai”. “Haverá também outro religioso – sacerdote se for possível – que dirija a chamada oração contínua, que os alunos devem fazer em grupos de dez e de doze, pela manhã e pela tarde, durante o horário de aula.

Calasanz foi o primeiro Fundador de uma Ordem religiosa especialmente dedicada à educação. Beneditinos, dominicanos e jesuítas, entre outros, dedicavam-se à instrução de crianças. Mas, nenhuma dessas ordens foi fundada com o objetivo concreto e exclusivo de educar crianças e, de modo peculiar, as crianças pobres.



2.7 Social político

A obra de Calasanz preparava a emancipação política e social, ligada à instrução e educação. Os objetivos da educação, para Calasanz, eram, em primeiro lugar, a realização humana do próprio aluno, oportunizando a construção de uma vida digna e feliz. Em segundo, a transformação da sociedade, superando o esquema feudal existente para construir uma sociedade mais igualitária, justa e fraterna, de acordo com os princípios do Evangelho.

A Europa daquele tempo oferecia espaços para uma nova constituição social alicerçada nos princípios da cidadania e da igualdade perante a justiça. A escola era, nesse contexto, a ferramenta mais útil e necessária para que as crianças e jovens encontrassem um lugar digno de participação nesses novos projetos sociais. Ao mesmo tempo, a sociedade encontrava na escola o melhor meio para avançar pelos caminhos da modernidade e do progresso. Essa foi a visão de Calasanz e o caminho que abriu para que os filhos do povo simples, a maioria da população, fossem protagonistas de um novo momento histórico.

III As Escolas Pias hoje

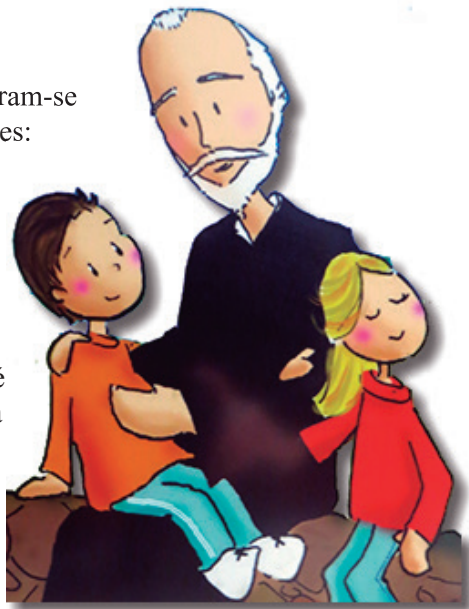
É verdade que o homem é a sua obra e a obra é o homem que a gerou e a mantém. Nascidas em Roma, canonicamente em 1617, espalharam-se rapidamente pela cidade eterna (Roma), Ligúria, Nápoles, Toscana, Alemanha, Sicília, Sardenha e Polônia. Em 1646, dois anos antes da morte de Calasanz, havia 37 “escolas pias”, onde trabalhavam 490 religiosos escolápios.

3.1 Situação atual

As Escolas Pias encontram-se hoje presentes nos seguintes países:

Itália, Eslováquia, Polônia, Austria, Bielo-Rússia, Ucrânia, Hungria, França, Espanha, Canadá, EEUU, México, Cuba, Nicarágua, Costa Rica, Porto Rico, Rep. Dominicana, Venezuela, Colômbia, Equador, Brasil, Bolívia, Argentina, Chile, Guiné Equatorial, Camarões, Gabão, Costa de Marfim, Senegal, Rep. Centroafricana, Nigéria, Japão, Índia, Filipinas, Indonésia, Vietnã e China.

As obras nas quais se desen-



volve a missão escolápia são os colégios, as paróquias e as obras sociais ou de educação “não formal” (ensino não regular). Existem muitos outros serviços ligados à missão e às presenças escolápias, como, por exemplo, a Fundação Itaka Escolápios, que é uma plataforma de missão compartilhada entre religiosos e leigos da Fraternidade Escolápia, com o objetivo de impulsionar obras e dimensões escolápias (pastoral, dimensão social e outras) e facilitar tal missão em outras presenças que precisam de ajuda para se dedicar às crianças e jovens em situação de vulnerabilidade pessoal ou social.

Junto às comunidades religiosas destacam-se, hoje, em cada vez mais presenças escolápias, as comunidades da Fraternidade Escolápia. Compartilham com os religiosos escolápios carisma e missão. Muitos religiosos fazem parte, também, da Fraternidade. A comunhão entre as comunidades religiosas e as fraternas tem potenciado visivelmente a missão e conferido um sabor novo mais gostoso e um vigor mais alegre e fecundo às presenças escolápias.

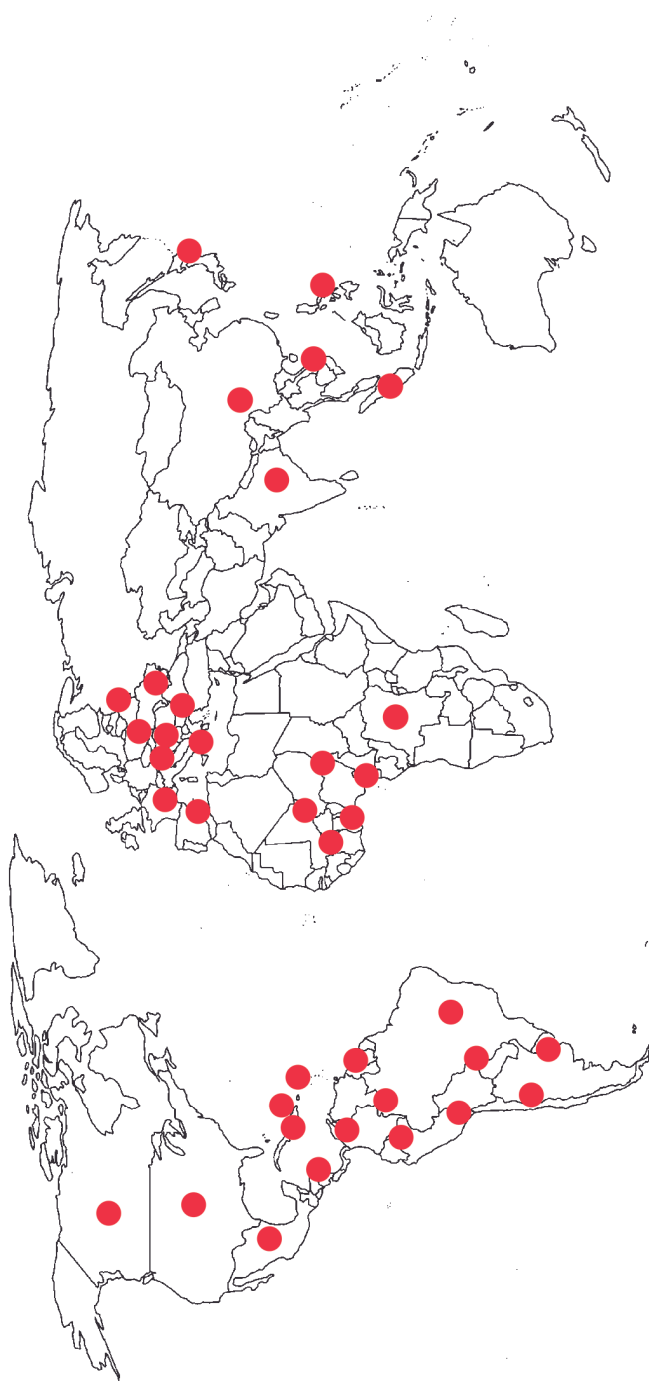
3.2 Missão e serviço

Imitando o exemplo de Calasanz, os escolápios nos dedicamos a toda atividade relacionada com a educação da infância e da juventude. Procuramos a sua evangelização e formação integral, consoante o lema “Piedade e Letras”, a serviço de uma sociedade mais justa e mais fraterna (Regras, nº89). As Escolas Pias pretendem ser, como dizem as suas Constituições, “servidoras da unidade fraterna entre os homens e sinais da esperança no Reino Futuro” (nº25). Não fazemos nenhuma distinção entre raças, classes sociais, entre outras. Temos uma preocupação especial pelos mais pobres e necessitados (nº90). Todo escolápio, religioso ou leigo, é educador por vocação.

Dedicamo-nos também a obras especiais, como: centros para surdos-mudos, institutos para a formação de educadores, editoras de cunho pedagógico-catequético, lares para jovens marginalizados. Há obras sociais que foram iniciadas por escolápios que agora são patronatos com entidade mantenedora própria: os “Hogares” (lares) Providência do México, a Universidade de Vera Cruz (México), a Caixa Econômica Popular da paróquia de São Baltasar em Puebla (também México). No Brasil, contamos com dois colégios (mais de 2500 alunos), três paróquias com 21 comunidades eclesiais e três obras sociais e duas casas lares (abrigo) para 16 crianças e adolescentes.

Trabalhando sempre lado a lado com jovens, educadores, sacerdotes, leigos, pobres, a tarefa educativa e pastoral coloca-nos no coração da Igreja e da Sociedade. Em 1621, Calasanz escreveu: “Nosso ministério é insubstituível, talvez o mais importante para a transformação da Sociedade”.

Os Escolápios no mundo



Escolas Pias no mundo.

3.3 Projeto de vida escolápio

Os escolápios têm um primeiro objetivo, como Calasanz, viver a experiência de um Deus que é Pai e Amor, imitando as atitudes de Cristo: pobreza para libertar do poder, do prestígio, da lógica humana e da força, partilhar o que somos e temos com os jovens; obediência para, livres da esterilidade do individualismo e da visão egoísta das coisas, viver e trabalhar em fraternidade; castidade para, potenciados para uma entrega real a um número maior de pessoas do que a esposa e os filhos, sermos sinais escatológicos do Reino, onde ninguém mais se casará, porque o matrimônio, sinal do amor de Cristo à sua Igreja, será substituído pela vivência real desse amor de Cristo por nós, que somos a sua Igreja.

Tudo isso aplicado à prática de um serviço concreto à Igreja: Educar a infância e a juventude, principalmente as mais carentes, na dupla dimensão de homens e de filhos de Deus.

3.4 Educador de educadores

No fim do século XVI, um homem, para atravessar o Tíber, deu passos cujas consequências desconhecia. Desde a ambição de subir cada vez mais na sua carreira eclesiástica, mergulhava no submundo dos “meninos de rua”; desde a vida honesta e digna que levava, assumiu o mais polêmico dos projetos.

Com essa opção, Calasanz renunciava a 41 anos de elevados sonhos “doutorais”. Pensava desaparecer no anonimato da história dos mestres dedicados à instrução dos pobres; como Paulo, que desejava ser dissolvido e assimilado pelo Cristo, Calasanz queria encontrar esse Cristo nas crianças maltrapilhas e desaparecer na poeira das escolas pobres de Santa Doroteia, do lado pobre do Tíber. E o Tíber foi seu “Jordão batismal” onde ele imergiu e enterrou o “doutor” e do qual emergiu o santo. Naquele momento, talvez, não tivesse consciência plena da extensão da frase do Mestre: “Quem se humilha, será exaltado”. Seu exemplo foi imitado por milhares de homens e mulheres que também atravessaram o Tíber das suas vidas à procura do Cristo presente nas crianças ignorantes e dos adolescentes abandonados. Do tronco regado pelas águas do Tíber, inspirados naquelas “Escolas Pias”, nasceram:

1. Os padres Cavani (italianos) que, em 1820, iniciaram a sua obra popular de educar crianças e jovens pobres. Eles têm, em Belo Horizonte, uma paróquia (Santa Maria, Mãe da Misericórdia) e o Seminário de Teologia.

2. Irmãs de Vorselaar (belgas) que, também em 1820, foram fundadas com o mesmo objetivo dos Cavani, pelo Pe. Luís Vicente Donche.

3. Irmãs Escolápias, fundadas pela Madre Paula Montal, em 1829, na Catalunha, Espanha, para promover a mulher, através da educação, e melhorar as famílias, preparando as adolescentes para o lar. Estão no Brasil desde 1934.

4. Companhia de Maria de Verona (Itália), masculina e feminina, fundada em 1930 por Antônio Próvolo para a educação dos surdos-mudos.

5. Padres de Timon-David (França), fundados em 1852, dedicados à juventude operária e à formação de associações juvenis.

6. Calasâncias (Pastoras, na Espanha), fundadas, em 1855, pelo escolápio Pe. Faustino Miguez, grande químico e pesquisador que deixou para a sua obra muitas fórmulas de remédios vendidos até hoje nas farmácias, cujas vendas são destinadas à educação de meninas pobres.

7. Kalasantiner, dedicados aos jovens operários austríacos e fundados pelo Padre Antônio Schwarz, em 1889.

8. Calasantinas, fundadas também em 1889 por Celestino Zini (bispo escolápio) e Celestina Donati (Itália) para cuidarem de crianças abandonadas.

9. Irmãs do Sagrado Coração (México), especializadas no serviço a meninas pobres. Foram fundadas em 1907 por Elisa Margarida Berruecos e José Maria Troncoso.

Calasanz não é propriedade dos escolápios nem fica esgotada a sua riqueza nos institutos inspirados em seu carisma de educador de pobres. Em 1948, 3º Centenário da sua morte, Pio XII o proclamou Padroeiro das Escolas Populares Cristãs do mundo inteiro.

Calasanz começou e continuou a sua obra com professores leigos. Por isso, queremos agradecer aqui a colaboração dos professores “escolápios” das nossas escolas. Sem vocês, seria impossível a continuidade do trabalho que São José de Calasanz iniciou em Roma, em 1597, numa Confraria fundada e integrada por leigos, com o objetivo precípua de promover, pela educação, “os meninos de rua” de Roma. O nome da Confraria: CONFRARIA DA DOUTRINA CRISTÃ. Hoje, a Fraternidade Escolápia assume o carisma e a missão escolápios junto aos religiosos, continuando essa bela aventura da educação.

